

GRUPOS DE TRABALHO - GT 04 - HISTÓRIA DA ARTE, ESTUDOS
CULTURAIS, TEORIAS DA ARTE PÓS-COLONIALISTA E ESTÉTICA DO
TRIÂNGULO AFRO ATLÂNTICO

**APONTAMENTOS ACERCA DA MOBILIDADE DE ARTISTAS ENTRE O IFÉ
E O BENIM: TRANSCULTURAÇÃO INVISIBILIZADA POR PRESSUPOSTOS
ESTILÍSTICOS**

Pedro Luís Machado Sanches (plmsanches@yahoo.com.br)

Introdução:

Oguola, monarca do Benim, resistiu às disputas com Udo no século XVI, mas sua fama se deve ao pedido que fez ao Ifé: “um escultor que soubesse trabalhar o metal, a fim de que se produzissem no Benim as imagens de latão ou bronze que lhe vinham do Ifé” (SILVA 2011, p. 567). A Iguenga do Ifé é atribuída a introdução da arte da escultura no Benim, fazendo dela “uma extensão modificada ou uma derivação da de Ifé. Como a romana o foi da grega” (idem, ibidem).

Segundo Kabengele Munanga, a arte levada para o Benim era de “representação”, não de “presentificação”, algo raro em arte tradicional africana. Muganga acompanha o argumento de Roger Somé, para quem “as esculturas africanas são manifestações diversas e precisam de grandes princípios e de ideias gerais, contrariamente à arte grega que se baseava sobre o indivíduo para tentar sugerir um tipo real e chega a individualizar o que é geral” (apud MUGANGA 2006).

O presente trabalho pretende reconsiderar os pressupostos estilísticos greco-romanos que pautam a interpretação ainda dominante sobre a estatuária do Benim, não apenas no que diz respeito às suas origens na arte trazida do Ifé por Iguenga, mas na identificação de mãos e oficinas de artistas.

Objetivos:

Reconsiderar as categorias a partir das quais são pensadas as tradicionais esculturas em metal e terracota do Ifé e do Benim, levando em consideração as circunstâncias de produção e destinação.

Metodologia utilizada:

Revisão da tradição interpretativa acerca da produção escultórica multissecular do Benim e do Ifé por meio de análise de reproduções imagéticas e descrições publicadas por autores africanos e não-africanos de diferentes áreas de formação e atuação.

Discussão dos resultados prévios:

Muitos pesquisadores reconhecem que “quanto mais naturalista uma escultura benim, mais antiga seria, por mais próxima de sua fonte, Ifé (...)” (SILVA 2011, p. 567). Os efeitos dessa avaliação começaram a ser revistos quando se reconhece que “nenhuma forma de arte é estritamente naturalista - só a natureza é naturalista” (WILLET 1994, p. 51).

Uma estilística moldada em critérios estranhos pautou as interpretações acerca da transposição das cabeças em metal do Ifé para o Benim. Ela se fez acompanhar de cronologia e juízo de valor compatíveis, mas permanece carente de documentação etnográfica e arqueológica.

Questionada há décadas, a interpretação dominante resiste, inclusive à emergência de autores africanos no cenário acadêmico internacional.

Referências:

SILVA, A. da C. A Enxada e a Lança - a África antes dos portugueses. 5a.ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

MUNANGA, K. A dimensão estética na arte negro-africana tradicional. In: MAC Notícias (07/06/2006). Disponível em: <http://www.macvirtual.usp.br/mac/arquivo/noticia/Kabengele/Kabengele.asp>

WILLETT, F. Stylistic Analysis and the Identification of Artists' Workshop in Ancient Ife. In: ABIODUN, R.; DREWAL, H.; PEMBERTON III, J. (Eds.) The Yoruba Artist - New theoretical perspectives on african arts. Washington and London: Smithsonian, 1994.